

Aliados não falham nunca

Os demais aliados do Presidente, Vítório Malta, Augusto Farias, Luís Dantas, Antônio Hollanda e Roberto Torres, têm comparecido a todas as votações e sempre agem de acordo com a orientação do Governo. Antônio Hollanda foi secretário de Saneamento e Energia e posteriormente de Saúde, do governador Fernando Collor. É um homem polêmico e acusado de corrupção e enriquecimento ilícito pelos adversários, havendo contra ele um processo no Tribunal Superior de Justiça, sob o número 101. Neste processo, ele é acusado de fraudar o INSS e falsificação de documentos. A frente da Secretaria de Saúde, foi acusado de desviar medicamentos fornecidos pela Ceme — Central de Medicamentos.

O deputado Vítório Malta foi secretário de Planejamento de Collor e é primo da mulher do Presidente, Rosane, sendo casado com a irmã da primeira-dama, Rosânia. Com apenas 33 anos, Vítório é fazendeiro e administrador de empresas, pertence ao PSC (partido do governador eleito **Geraldo Bulhões**) e tem quatro filhos. Dispensou o apartamento a que teria direito em Brasília pela condição de deputado, e mora em uma mansão no Lago Sul. Em Alagoas, passa os fins de semana na casa dos pais em Santana do Ipanema, no sertão, cidade natal também de Geraldo Bulhões. Malta tem sido um deputado discreto, que até agora não fez nenhum pronunciamento, e

que voia religiosamente com o Governo.

Augusto Farias, de 34 anos, é comerciante de automóveis em Maceió, e chegou a Brasília como deputado tendo como maior credencial o fato de ser irmão do empresário Paulo Cesar Farias, que foi o coordenador financeiro da campanha de Collor à Presidência. Augusto foi secretário de Transportes de Collor e depois presidente da Companhia de Habitação de Alagoas — Ceal. Tem se especializado em percorrer ministérios à procura de verbas para Alagoas, principalmente na área da Ação Social, e como deputado tem sido discreto e fiel ao Governo nas votações.

Roberto Torres elegeu-se pelo PTB, partido do qual é presidente em Alagoas, e pela coligação "Alagoas — a hora é agora", de Renan Calheiros. Mas apoiava o candidato da coligação adversária, Geraldo Bulhões. É da facção petebista que quer o afastamento do líder Gastone Rigbi, porque apóia incondicionalmente o Governo. Comerciante e pecuarista, Torres foi constituinte em 1988. Apoiou Brizola no 1º turno e Lula no 2º, nas eleições presidenciais.

Luís Dantas foi secretário de Fazenda de Collor, é agrônomo e natural da cidade de Batalha, uma das que tiveram a eleição anulada no primeiro turno devido à comprovação de fraude eleitoral. Dantas tem sido o mais assíduo da bancada alagoana em plenário, e vota sempre com o Governo. Elegeu-se pelo PSC e é este o seu primeiro mandato eletivo.

O mais duro dos ad-

versários de Collor dentro da bancada alagoana no Congresso é o deputado Mendonça Neto, do PDT. Secretário de Planejamento de Collor no início do governo, em 1986, foi demitido pelo governador pelo telefone, quando Collor estava na China. Mendonça é mineiro e já foi deputado federal, estadual, membro do MDB autêntico nos anos 70. Hoje é o presidente do PDT de Alagoas e mereceu até citação de Collor, quando a vitória nas eleições presidenciais era comemorada entre amigos e em família na Casa da Dinda, em 1989. "Só falta agora aqui o Mendonça Neto", disse Collor, segundo o livro de Sebastião Nery **Por que Collor ganhou**.

"Collor é o anti-Juscelino", acusa Mendonça, demitido da secretaria por discordar da indicação de Zélia Cardoso de Mello para uma assessoria do governo estadual. "É o presidente do terror, da intimidação, do pessimismo". O deputado acha que Collor está "destruindo" a economia e diz que o Governo até agora não apresentou um programa nacional, apenas um conjunto de intenções. "Ninguém vive sem esperanças, nem as pessoas e nem a Nação. E não vemos mais esperanças, não há um plano de metas, nada".

O senador Divaldo Suruagy virou inimigo de Collor ao sentir-se traído por ele em 1984, quando Collor preferiu outros rumos partidários. Suruagy foi um dos responsáveis pela indicação de Collor para a prefeitura de Maceió, em 1978. Irritado com o Governo, preferiu viajar com a família para Aruba, no Caribe, a participar das votações do Plano Collor II.